



**UM RETRATO INCONSÚTIL:
JOÃO CABRAL DE MELO NETO, EDITOR E IMPRESSOR BRASILEIRO**

**AN UNBOUND PORTRAIT:
JOÃO CABRAL DE MELO NETO, A BRAZILIAN EDITOR AND PRINTER**

Priscila Monteiro¹
Universidade de Coimbra

Resumo: João Cabral de Melo Neto é reconhecido por sua obra poética de inegável contribuição para a literatura. No entanto, há uma dimensão criativa sua ainda pouco explorada: sua produção gráfica e editorial. Em Barcelona, João Cabral adquiriu uma prensa manual, dedicando-se a compor e imprimir exemplares em um trabalho que nomeou “O Livro Inconsútil”, um projeto de edição artesanal que durou oficialmente seis anos. A atividade paralela à escrita e à vida consular contava com a cuidadosa triagem dos materiais e o aprendizado do ofício de tipógrafo e impressor. Tal período está registrado nas cartas enviadas aos seus principais missivistas, bem como em entrevistas concedidas ao longo de sua vida. Este não foi o único envolvimento que o autor teve no mundo dos impressos, mas a crítica sobre o assunto é dispersa e escassa, fator que este artigo procura considerar, já que Melo Neto é um dos poetas mais estudados em língua portuguesa. A prática impressa do poeta pernambucano, assim como seu trabalho de curadoria editorial discretamente contribuíram para formar parte do público-leitor de obras brasileiras no exterior e apresentaram uma geração de novos escritores a leitores em potencial.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; O Livro Inconsútil; Editora Artesanal; Poesia Brasileira; Crítica Literária.

Abstract: João Cabral de Melo Neto is recognized by his poetic work’s undeniable contribution to the Portuguese-language literature. However, a dimension of his creative process is yet unexplored: Melo Neto’s graphic and editorial production. In Barcelona, he acquired a manual printing press, dedicated to compose and print copies of a work he entitled “The Unbound Book” (“O Livro Inconsútil”). It was an artisanal editing project which officially lasted six years. This activity, parallel to his writing and consular life, also meant the careful sorting of materials and learning the craft of typographer and printer. Such period in his career is registered in letters sent to his main correspondents, as well as in interviews given throughout his life. This involvement with the world of printing wasn’t the only one in the author’s career. Still, the literary criticism about this topic is dispersed and scarce, a factor this article considers, since Melo Neto is one of the poets most often studied in the Portuguese language. The printed practice of the poet from Pernambuco, as well as his editorial curatorship, subtly contributed to Brazilian works and his public-reader abroad, thereby presenting a generation of new writers to potential readers.

Keywords: João Cabral de Melo Neto; The Unbound Book; Artisanal Publishing; Brazilian Poetry; Literary Criticism.

¹ Doutoranda em Estudos Avançados em Materialidades da Literatura na Universidade de Coimbra, Portugal, colabora como pesquisadora no projeto “ReCodex: Formas e Transformações do Livro” no Centro de Língua Portuguesa desta Universidade. Formada em Letras – Licenciatura com ênfase em Português e Literaturas de Países de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com período sanduíche na Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é professora na rede privada e na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. E-mail: priscilaommoreira@gmail.com.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Raros são os relatos em que João Cabral de Melo Neto (1920-1999) menciona a experiência editorial que teve em Barcelona nos anos 1940 e 1950. No conjunto de entrevistas concedidas ao longo de sua vida, a relevância do assunto foi minimizada e apenas trechos mencionam a tipografia doméstica. Trata-se, em sua maioria, de transcrições de entrevistas orais feitas no final da vida do autor, quando, acometido pela perda da visão, não conseguia escrever. Este fato, além de deprimi-lo, foi determinante para sua experiência com a escrita, já que se sentia um poeta visual, apesar de negar qualquer influência sob o Movimento Concretista.

Durante seus anos de existência, o projeto editorial denominado “O Livro Inconsútil” publicou sobretudo autores pouco conhecidos à época. Para que se concretizasse, foi preciso que, em poucos meses, Cabral elaborasse um sistema de produção que concentrava nele mesmo as funções de editor, tipógrafo, revisor de provas, impressor e distribuidor. Além de possuir o controle do processo produtivo, também escolhia previamente os destinatários. Assim, as tiragens únicas eram numeradas, autografadas e enviadas gratuitamente para autores envolvidos, amigos, críticos literários – influentes formadores de opinião no Brasil e na Espanha. Deste modo, seus impressos já nasciam raros e destinavam-se a integrar acervos de bibliotecas particulares.

De um modo geral, habituamo-nos a considerar o ato de ler como restrito a textos. Esses textos, por sua vez, sobrepõem-se à presença de outra linguagem coexistente a ele: a dos suportes em que estão inscritos. Livros são espaços para registrar textos, mas também são essencialmente objetos estéticos que, há séculos, despertam interesse por sua história. De acordo com as técnicas utilizadas, narram a própria técnica de confecção em que se inserem, podendo ser o próprio material uma espécie de arqueologia do suporte. Apesar de modificado pela condição virtual recente, ainda assim pode ser “lido” como um produto de sua época.

Confecionar livros artesanais exige rigor e domínio técnico. Esta arte demanda materiais que, depois de selecionados, necessitam de numerosos processos de trabalho. Atemo-nos ao exemplo dos desdobramentos que aludem ao papel desde a escrita até a impressão. Para que exista o texto, é preciso que o escritor finalize sua obra, que costuma ser a figura central dos estudos das Letras, mas as fases subsequentes também pedem maestria. Há a escolha do papel e, a partir disso, de um tipógrafo e de um revisor de provas.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Diagramado o texto, será preciso que um impressor entinte-o, preense-o, seque-o e encadernem-na sequência correta. Impresso, será preciso encaderná-lo, o que é tradicionalmente feito com costura lateral e cola, finalizada a encadernação com cobertura com cobertura de capa em couro ou papel.

Convém explicar que o termo “inconsútil” remete ao uso de dobras nos cadernos, sem o uso de cola ou de costuras, sendo um estágio anterior à encadernação. Historicamente, colecionadores de livros de luxo costumavam receber seus exemplares apenas dobrados em cadernos, para que pudessem, após a leitura, escolher uma capa que desse um acabamento “à altura” do texto. Uma das características autorais de “O Livro Inconsútil” era literal, tendo em vista que João Cabral desconhecia processos de encadernação. O título da editora é mencionado pela primeira vez em carta sem data a Manuel Bandeira, escrita entre 25 de novembro e 16 de dezembro de 1947: “Meu caro Manuel, / Sua última carta me deu uma grande alegria [...] a de ver seu interesse pelo **Livro Inconsútil**, coisa que ultimamente, tem sido quase meu único [interesse]” (MELO NETO, 2001, p. 51, grifos meus). Cabral não explica o porquê do nome, mas ao manusear os livros e reconstituir este viés da História da Arte, é possível perceber clara relação entre a escolha e a bibliofilia.

Os fragmentos a seguir são considerações que o poeta faz sobre os anos como tipógrafo e são as únicas “pistas” referentes ao assunto décadas depois. A resposta foi dada a Bebeto Abrantes em 1999, na última entrevista concedida por João Cabral.

BA [Bebeto Abrantes]: João, e a sua gráfica, O Livro Inconsútil, lá em Barcelona? Você chegou a ter mesmo uma tipografia em casa? Como era?

JC [João Cabral]: Tinha uma maquinazinha de imprimir tipos; eu mesmo imprimia livros. Isso em Barcelona; de Barcelona fui para Londres, e lá **eu não tinha tempo para isso, trabalhava muito**. [...]

JC: Ah, eu conheci um poeta chamado Joan Brossa, que era muito amigo deles [do grupo *Dau al set*]. Ele levou o grupo lá em casa, era um grupo de jovens pintores, com [Antoni] Tàpies e Modest Cuixart. Ficamos muito amigos. Conheci outros escritores em Barcelona, mas eu não sei se estão vivos.

BA: Você chegou a fazer a apresentação da primeira exposição do Tàpies, não?

JC: [Joan]Ponç, Tàpies e Cuixart. O Ponç morreu. O Tàpies está vivo e com grande cartaz lá. E o Cuixart foi morar em Gerona; parece que a pintura dele não teve a importância da pintura do Tàpies.

BA: E eles sempre disseram que para eles o contato com você foi como abrir uma janela para o mundo.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

JC: Por causa do regime do Franco... Eles não tinham contato com o mundo exterior porque a censura não deixava. **Eles não conheciam muito da poesia espanhola feita no exílio; conheceram porque eu mostrei, porque dei os livros.** [Rafael] Alberti e outros, como Luis Cernuda, Franco não deixava vender o livro desse pessoal. Mas isso tudo foi em Barcelona. (SIBILA, 2009, p. 16; 25, grifos meus)

A melancolia com que encara o fim da vida dos amigos ofusca a experiência de ter feito parte de um movimento intelectual de resistência ao franquismo, que residia sobretudo em Barcelona. A afirmação de que a “maquinazinha de imprimir tipos” era uma atividade relacionada ao ócio e ao pouco volume de trabalho, visto que, em seu posto posterior, Londres, não teria “tempo para isso, trabalhava muito”, induz o leitor a minorar sua relevância.

Semelhante resposta é dada em entrevista aos *Cadernos de Literatura*, quando José Mindlin tenta perguntar sobre a possibilidade de reeditar as obras publicadas artesanalmente.

CADERNOS: Como foi sua atividade de editor?

JOÃO CABRAL: Nunca fui exatamente um editor. Só editava livros de amigos. Eu ia atrás deles, pedia a obra e editava. Entre o final dos anos 40 e o início da década de 50, imprimi catorze trabalhos. Eu gostava daquilo. Esse negócio de prensa manual é uma tradição em Pernambuco. Quando eu era pequeno, a coisa mais comum era ver uma prensa na casa de um parente ou de um amigo. Em Barcelona, eu comprei uma prensa Minerva, manual, por razões terapêuticas. **Eu andava com problemas de saúde e o médico me aconselhou a fazer ginástica. Em vez de fazer ginástica sueca, eu resolvi comprar uma prensa manual. Trabalhar nela era quase a mesma coisa que fazer exercícios.** Quando eu tinha alguma dúvida sobre como operar a prensa, consultava um amigo chamado Enric Tormo, que cuidava das litografias do Miró. No início dos anos 50, eu vim para o Brasil e vendi a prensa para um convento de Petrópolis.

JOSÉ MINDLIN: O que você pode contar dos poetas da Espanha que você publicou nas admiráveis edições do Livro Inconsútil?

JOÃO CABRAL: O Joan Brossa continuou sendo o melhor poeta da Catalunha. Cirlot e Alfonso Pintó, dois poetas que prometiam muito, como o Juan Ruiz Calonja, estão hoje praticamente esquecidos.

JOSÉ MINDLIN: **Que tal uma reprodução similar dessas [suas admiráveis] edições [de O Livro Inconsútil]?**

JOÃO CABRAL: **Não vejo muito sentido, não.** (CADERNOS DE LITERATURA, 1996, p. 22, grifos meus)

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Ao longo de sua vida pública, Cabral justificava que a compra da prensa manual e das famílias de tipos metálicos ocorreu devido a uma recomendação médica para praticar exercício físico – e complementava que optara pela prensa já que não podia mais jogar futebol. Fazia questão de afirmar que aprendera tipografia com Enric Tormo e, através deste gancho temático, passava a falar sobre os amigos da revista *Dau al set*, que publicou poemas seus traduzidos para o catalão, bem como lhe rendeu homenagens explícitas em duas edições. Esclarecemos que esta revista era formada pelo grupo de Arnau Puig, Joan-Josep Tharrats, Antoni Tàpies, Joan Ponç, Modest Cuixart e Juan Eduardo Cirlot; destes, os últimos quatro participaram das publicações de “O Livro Inconsútil” com textos em livros inteiros ou com ilustrações. Houve, portanto, um trânsito colaborativo entre a revista e a editora mediado pelas solicitações de Cabral, que se engajou ao movimento estético catalão e forneceu livros censurados pelo regime espanhol, uma atitude política arriscada.

Ao dispensar a ideia de reproduzir similares edições àquelas, o poeta dispensa também os holofotes para esta experimentação, afinal seu trabalho poético fala por si mesmo. Apesar disso, cumpre questionarmos a negação deste tópico, afinal, sabemos que fazer livros em uma prensa manual não é “quase a mesma coisa que fazer exercícios”, logo, não serve como equivalente comparativo.

Um dos motivos deste apagamento parece evidente: em curtos espaços de tempo, sucessivas reedições reuniram sua obra, prescindindo do retorno às edições artesanais. Antologias e obras completas atualizaram a produção do autor e difundiram-na a ponto de constituir um público-leitor íntimo de suas coletâneas, sendo talvez pouco relevante, de fato, analisar sua produção gráfica para compreender sua criação literária como um todo. Este posicionamento fez com que “O Livro Inconsútil” fosse um suplemento anedótico, um capítulo dispensável da trajetória criativa do escritor. Recorrer a uma primeira edição passou a ser uma atitude desnecessária, além disso, impossibilitada pelos poucos exemplares disponíveis para consulta em bibliotecas públicas mundiais – o que justifica a surpresa de descobrir o envolvimento deste autor com as Artes Gráficas.

No entanto, ao encontrar esses livros, é possível perceber o capricho, o esforço cerebral e a sensibilidade daqueles objetos, sem que haja nisso fetiche. Há uma inegável marca de autoria que o suporte é capaz de mostrar sobre a escolha, a elaboração e o cuidado com aqueles materiais. O estudo da correspondência cabralina tem se mostrado relevante para

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

reconstituir este contexto de sua biografia, mas não somente: acima de tudo, é possível mapear sua disposição em apropriar-se dos meios de produção para inscrever-se nesses suportes, acompanhar os seus critérios de seleção e triagem e o registro de suas atividades editoriais.

O que o poeta evitou mencionar é que “O Livro Inconsútil”, durante sua existência, publicou autores à época pouco conhecidos e que, em sua grande maioria, seriam reeditados meses depois por editoras comerciais. Há, portanto, fatores que só foram possíveis de se concretizar por ser esta a experiência de uma editora independente, sem o compromisso de ser rentável. Mais emblemática talvez seja a forma alternativa de circulação, recebendo originais manuscritos para embarcarem via aérea ou marítima, saindo do malote do consulado brasileiro e, meses depois, devolvendo livros impressos que viriam a ser distribuídos para contatos escolhidos.

O projeto editorial teve curta duração: 1947 a 1951, em Barcelona, retomado em 1953, por enquanto sem local identificado. Todavia, esse não foi o único empreendimento editorial com o qual João Cabral esteve comprometido. Também não ficou restrito apenas àquela cidade ou àquele período: ainda em Barcelona, colaborou para grupo *Dau al set*; em Madrid, nos anos 1950, participou do conselho editorial da Revista *Cobalto 49*, e da *Revista de Cultura Brasileña*, também em Madrid nos anos 1960; em Recife, atuou no coletivo “O Gráfico Amador” e editou dois livros seus. Desenvolver “edições de autor”, portanto, foi uma prática paralela durante anos e, a partir dessas fontes indiretas, é possível repensá-la como uma poética sua.

Seu envolvimento em publicações alternativas repercutiu na difusão da cultura brasileira no exterior e no fortalecimento da cultura espanhola de novos escritores e artistas visuais. Esclarece Alessandra Vargas de Carvalho (2013) em sua tese que

Cobalto 49 representaba una iniciativa editorial que surgió en el ambiente del posguerra español, fomentando la renovación artística en Barcelona a través de publicaciones, audiciones musicales y exposiciones de artes plásticas, entre otras iniciativas. Cabral fue el responsable del área encargada de las gestiones relativas a los museos y colecciones, aunque su participación más efectiva fue la publicación del texto de la exposición: “Un aspecto de la joven pintura: Tàpies, Cuixart, Ponç”, [ocorrida de] diciembre de 1949 a enero de 1950. [...] Como el bloqueo franquista impedía que el artista expusiese públicamente su obra en España, Cabral – por su situación de representante oficial de un país que mantenía una política de buena

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

*relación con el gobierno de Francisco Franco – tuvo libre acceso a la producción que comprende los años de 1942 a 1950.*²(CARVALHO, 2013, p. 15-16)

Melo Neto participou de outras publicações, motivado pelo intuito de divulgar escritores brasileiros na Espanha. Por esse motivo, é possível encontrar traços de suas empreitadas editoriais em fontes cruzadas e indiretas, sobretudo em estudos de tradução, como a recepção de Joan Brossa no Brasil (FARRÉS, 2015) e a autobiografia de Antoni Tàpies (2010). Contextualiza mais uma vez Carvalho que, durante a escrita do ensaio sobre Joan Miró,

*João Cabral se responsabilizó de la edición [del libro de Joan Brossa] y produjo con recursos propios a través del sello Libro Inconsútil la obra Sonets de caruixa, primer libro impreso de Joan Brossa, que contenía una pequeña selección de poemas. Por otro lado, Brossa se hizo cargo de la traducción inaugural de poemas de Cabral en España: los tradujo al catalán y fueron publicados en el número 8 de la revista Dau al set, en 1949. Se tradujeron tres poemas del libro O engenheiro. Escribió el texto de la presentación del catálogo de la primera exposición de los artistas catalanes Antoni Tàpies, Modest Cuixart y Joan Ponç. [...] El ensayo Joan Miró fue publicado con grabados originales del artista en 1950. El texto de Cabral fue traducido al francés, pues dicha publicación corrió a cargo de la galería parisina Maeght, representante de la obra de Joan Miró. [...] prologó el libro **Em va fer Joan Brossa, que fue publicado por la Editora Cobalto, de cuyo consejo editorial el poeta brasileño también formó parte.**³(CARVALHO, 2013, p. 9, grifos meus)*

² Tradução da autora: “Cobalt 49 representava uma iniciativa editorial surgida no ambiente espanhol de pós-guerra, promovendo a renovação artística em Barcelona através de publicações, apresentações musicais e exposições de artes plásticas, entre outras iniciativas. Cabral foi o responsável pela área encarregada das gestões relativas a museus e coleções, embora a sua participação mais efetiva tenha sido a publicação do texto da exposição: ‘Um aspecto da jovem pintura: Tàpies, Cuixart, Ponç’ [ocorrida de] dezembro 1949 a janeiro de 1950. [...] Como o bloqueio franquista impedia artistas de exporem publicamente seus trabalhos na Espanha, Cabral – por sua situação de representante oficial de um país que mantinha uma política de boas relações com o governo de Francisco Franco – teve livre acesso à produção [artística] compreendida entre os anos 1942 a 1950”.

³ Tradução da autora: “João Cabral se responsabilizou pela edição [do livro de Joan Brossa] e produziu com recursos próprios, através do selo O Livro Inconsútil, a obra *Sonets de Caruixa*, primeiro livro impresso de Joan Brossa, que continha uma pequena seleção de poemas. Por outro lado, Brossa assumiu a tradução inaugural dos poemas de Cabral na Espanha: traduziu-os para o catalão e foram publicados no número 8 da revista *Dau al set* em 1949. Foram traduzidos três poemas do livro *O engenheiro*. Ele escreveu o texto de apresentação do catálogo da primeira exposição do artista catalão Antoni Tàpies, Modest Cuixart e Joan Ponç. [...] O ensaio *Joan Miró* foi publicado com gravuras do artista em 1950. O texto de Cabral foi traduzido para o francês, uma vez que a publicação foi realizada pela galeria parisiense Maeght, representando o trabalho de Joan Miró. [...] prefaciou o livro *Em vai fer Joan Brossa*, que foi publicado pela Editora Cobalt, cujo conselho editorial o poeta brasileiro também participou.”

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A *Revista de Cultura Brasileña* é mais um empreendimento do pernambucano para criar espaços de circulação de textos, neste caso, direcionados a autores impedidos de publicar em seu país, além de ser sua primeira aventura linguística como tradutor. Segundo Sérgio Massucci Calderaro,

*La Revista de Cultura Brasileña (Madrid, 1962) fue un osado y ambicioso proyecto ideado por el poeta brasileño – y por entonces funcionario de la Embajada de Brasil en España – João Cabral de Melo Neto y llevado a cabo por Ángel Crespo, quien, invitado por Cabral, dirigió la publicación durante ocho años, desde su fundación en 1962 hasta 1970, cuando deja el cargo. Editada por la Embajada de Brasil en España, la revista tenía carácter oficial y diplomático, escapando así de posibles censuras. Ahí se establecía el campo perfecto para la difusión y debate sobre estéticas literarias experimentales que estaban siendo practicadas en Brasil, en conexión con las vanguardias mundiales de la época.*⁴ (CALDERARO, 2009, não paginado, grifos meus)

Sobre a carreira diplomática, cumpre esclarecer que Cabral estreou no estrangeiro em março de 1947 na capital da Catalunha como vice-cônsul. Nove meses depois de sua chegada, lançaria um primeiro livro na pequena tipografia que adquiriu: o seu *Psicologia da composição*. Apesar dos esforços em tentar editar antes Clarice Lispector e Manuel Bandeira, o trato com a prensa Minerva não o ajudou a tempo, motivo pelo qual usou o seu livro como prova de impressão. Iniciada a prática com um ritmo intenso, no ano seguinte solicitou por carta manuscritos de brasileiros que gostaria que os leitores espanhóis conhecessem, e vice-versa.

Três anos depois, imprimiria o seu *O cão sem plumas* (1950) em uma edição muito mais caprichosa do que as provas de *Psicologia da composição*, demonstrando o aprendizado do ofício de tipógrafo e impressor. Essas duas obras seriam reeditadas sucessivas vezes em maiores tiragens organizadas pelo autor, que alteraria textos anteriores e incluiria novos, a exemplo de *Poemas reunidos* (1954), *Duas águas* (1956) e *Poesias completas: 1940-1965*

⁴ Tradução da autora: “A *Revista de Cultura Brasileña* (Madrid, 1962) foi um projeto ousado e ambicioso concebido pelo poeta brasileiro – então funcionário da Embaixada do Brasil na Espanha – João Cabral de Melo Neto e conduzido por Ángel Crespo que, convidado por Cabral, dirigiu a publicação durante oito anos, desde a sua fundação em 1962 até 1970, quando deixou o cargo. **Editado pela Embaixada do Brasil na Espanha, a revista tinha caráter oficial e diplomático, escapando assim de possíveis censuras.** Assim estabelecia-se o campo perfeito para difusão e debate sobre estéticas literárias experimentais que estavam sendo praticadas no Brasil, em conexão com as vanguardas mundiais da época”.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

(1968), e por fim sua *Obra completa* (1999; 2003). Em nenhuma das edições há menção explícita às edições artesanais.

Em 1947, ele já havia publicado *Pedra do sono* (1942), *O engenheiro* (1945) e mais dois textos dispersos⁵. Meses antes da publicação de *Psicologia da composição* em dezembro daquele ano, escreveu a Clarice Lispector, pedindo qualquer texto que ela tivesse, pois gostaria de inaugurar a tipografia com ela. Depois da longa espera pela resposta, Cabral recebeu a seguinte carta:

Berna, 28 novembro 1947

Caro João Cabral,

Você veio me trazer graves problemas: sua tipográfica mágica vai ou não imprimir coisas minhas? acho que não. Logo que recebemos sua carta, comecei por despejar todas as gavetas da casa no chão. Nunca perco as esperanças de ter escrito, pela mão de Deus, uma coisa maravilhosa. Mas que joia, que nada. Esboços e esboços, maus esboços. A tentação de ter ao menos uma página impressa por você, é grande. [...]

E agora o problema é esse: devo escrever especialmente alguma coisa para a sua tipografia? bem queria (apesar de não me dar bem com escrever coisas “especialmente”) – bem queria, mas estou toda aérea, e quando não estou aérea só consigo mesmo me interessar por esse romance caduco que se está escrevendo há tanto tempo mas que nunca fica bastante maduro.

Mas a ideia e a tentação não me abandonam. A primeira coisa que eu escrever, fora do romance, mandarei para você – se você ainda me aceitar... (Fragmento de carta manuscrita, não publicada – Acervo Fundação Rui Barbosa)

Conforme afirmou a escritora, “a tentação de ter ao menos uma página impressa” pelo amigo era grande. O esmero e o capricho transpareceriam nas páginas nos meses seguintes. O entusiasmo de Cabral com a empreitada gráfica transborda em suas cartas de juventude. No final daquele ano, escreve novamente a Lispector, desta vez sinalizando a vontade de organizar uma revista:

Estou em entendimento com o Lauro Escorel – e este com o Antonio Candido, de S. Paulo – para fazermos uma revista trimestral, chamada ANTOLOGIA (dístico: PLVS ÉLIRE QUE LIRE, Paul Valéry). Será uma revista minoritária, de 200 exemplares, distribuída a pessoas escolhidas pelos diretores. Não terá programa formulado, não dará nenhuma bola à chamada vida literária, não terá seções, nem de cinema, nem de livros, nem de nada.

⁵ Felix Athayde (*apud* Selma VASCONCELOS, 2009, p. 247) situa *Pedra do sono* como um livro artesanal: “A edição foi de pequena tiragem num total de duzentos exemplares, cinquenta deles considerados de luxo por serem impressos em sobras de papel alemão de uma edição do Guia de Olinda recentemente publicado por Gilberto Freyre”.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Qualquer coisa fora do tempo e do espaço – um pouco como nós vivemos. O fim verdadeiro da revista será o de começar a escolher o que presta de todos nós. Qualquer coisa como um balanço de antes do fim de ano, um balanço dos fevereiros que nós todos somos. Que acha Você? Um momento, **pensei em fazer uma revista para os escritores brasileiros de fora do Brasil.** Mas um certo aspecto Itamaraty dessa idéia me fez deixá-la em quarentena. Gostaria que V. nos mandasse – se é que o Lauro já não as solicitou – suas sugestões, e – coisa que seria ótima – que considerasse a possibilidade de figurar como um dos diretores (aliás, em vez de diretores, podíamos declarar: PUBLICADA POR: a) b) c), etc.). O cargo não lhe daria grandes trabalhos nem a distrairia grandemente de seu trabalho. Você compreenderá que numa revista chamada ANTOLOGIA o trabalho de diretor é um trabalho de escolhedor. Diga se quer ser um dos ESCOLHEDORES.

A revista será impressa por mim, aproveitando minha máquina e as delícias do câmbio. Esperamos ter um número pronto – no mais tardar – em março. Já temos alguma colaboração, só faltando o seu “coro dos anjos” que me deixou de orelhas em pé. Posso contar com ele, dentro do envelope de resposta? (COLÓQUIO LETRAS, 2000, p. 290-1, grifos meus).

O “coro dos anjos” ao qual se refere figurará em outras correspondências até que a escritora esclareça que se tratava apenas de uma ideia inacabada e que não haveria de enviá-la. A revista mencionada era *O cavalo de todas as cores*, dirigida por Alberto de Serpa pelo próprio João Cabral de Melo Neto. Publicada sob a numeração “1 (Jan. 1950)”, propunha-se a ser uma publicação trimestral, mas não conseguiu ter mais números. A revista impressa por ele mesmo “aproveitando minha máquina”, recebeu o selo de “Inconsútil” também em seu nome (expressamente em sua portada) e em sua forma. Indica Ricardo Carvalho (2007) que

Por um lado, *O cavalo de todas as cores* segue a configuração dos demais “livros inconsúteis”: pequena dimensão (22 x 14,5 cm) e folhas soltas formando cadernos a partir das colaborações. Por outro, recupera a proposta da *Antologia* comentada nas cartas: revista trimestral de “tiragem limitada a 200 exemplares”, trazendo uma seleção de textos, sem seções ou informações atuais. (CARVALHO, 2007, p. 115)

Da França, João Guimarães Rosa acusa o recebimento da revista e incentiva o amigo a considerar um contato italiano que apreciara as edições artesanais para tentar estabelecer “relações de intercâmbio” entre eles. Aproveita o ensejo para comentar que o outro “colega em construir livros” enxergava “apenas sujeiras” onde o mineiro via beleza pura, o que corrobora o julgamento crítico que os tipógrafos costumam ter entre si, mas que, para os leitores, não transpassa.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Paris, 23 VI 950

Meu caro Cabral,

Quis, há muito, agradecer a você a majestosa remessa d’**“O cavalo de todas as cores”**, mas houve que, logo depois de receber seu belo trabalho, fiquei conhecendo aqui um italiano [...] seu colega em construir livros de formosura própria; e êle, vendo as jóias do “Inconsútil”, que tive o prazer de exibir-lhe, ficou feliz e entusiasmado, me disse que, por meu alto intermédio, queria, mais tarde, enviar a Você uma ou duas coisas por êle produzidas, como uma espécie de tentativa de começo de relações intercâmbio. [...] brinda-nos com as páginas anexas, que eu achei fortes, próprias, lépidas, deliciosas. (Só que ele, o bárbaro, vê apenas sujeiras onde eu vi a **BELEZA PURA**[...]).

Grato, por tudo, querido Cabral, por tudo. Parabéns incessantes. E o forte abraço, muito amigo, do seu admirador

(Fragmento de carta, não publicada – Acervo Fundação Rui Barbosa, grifos do original)

No Brasil, Lêdo Ivo cumprimenta o amigo e a sua tipografia. Ele tinha a responsabilidade de distribuir as remessas enviadas da Catalunha para a América do Sul e também de indicar os contatos por região que poderiam encaminhar os livros aos destinatários eleitos por Cabral. Utilizando de seus contatos brasileiros, Cabral fazia circular seus impressos fora do circuito comercial, mas conseguia atingir leitores pela qualidade estética e pelo conteúdo literário.

Rio, 23 de Abril de 1950

Meu caro JCMN

As últimas notícias que tive a seu respeito vieram num vespertino, em forma de telegrama, e aludiam ao “Cavalo de todas as cores”. Antes, soubera eu do “Cão sem plumas”. Isto prova que não há dor de cabeça que possa com você. Sua paixão pela prensa é tão grande como sua paixão pelas palavras [...]

Ando muito ocupadíssimo, atrás de um título para meus últimos poemas. [...]

Quem sabe se você não arranjará um bom título?

É nesta esperança que saúdo a você, à sua família, à sua poesia, à sua prensa.

Seu amigo, Ledo Ivo

(Fragmento de carta, não publicado – Acervo Fundação Rui Barbosa, grifos do original)

Acionando contatos frequentemente, com a intenção clara de organizar impressos, mais uma vez Cabral faz menção à impressora, desta vez questionando Carlos Drummond de Andrade em carta de 9 de outubro de 1948: “Agora que posso imprimir de graça, por que não fazemos aquela revista que planejamos – você, Vinicius e eu? – e para cuja discussão até nos reunimos uma tarde no M. [Ministério] da Educação?” (MELO NETO, 2001, p. 228). Não



obtendo sucesso em suas tentativas editoriais para lançar periódicos, o autor seguiu organizando tiragens de poesia brasileira.

Na correspondência organizada por Flora Süssekind (2001), é possível mapear o contato de Melo Neto com Manuel Bandeira a respeito do material que constaria nesta revista com mais autores, entre eles, Antonio Houaiss, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, e os catalães Rafael Santos Torroella e Enric Tormo, respectivamente relacionados com a *Revista de Cultura Brasileira* e a *Dau al set*. “Como *Antologia* não saiu logo, três dessas tankas traduzidas ao português foram publicadas no número 16 da revista *Ariel*, de Barcelona, em abril de 1948, com apresentação de Joan Triadú intitulada ‘Brasil i Catalunya’” (CARVALHO, 2007, p. 114), cuja participação direta de João Cabral não mapeamos por enquanto.

Na mesma carta, reflete o autor que este livro seu foi sua primeira experiência partindo da forma para o conteúdo, tendo planejado antes abstratamente a construção física arquitetada do material, e só depois como espaço a ser preenchido com texto. Há o reconhecimento do trabalho com a linguagem gráfica antes da semântica e textual.

De certo modo é este o primeiro livro [*Psicologia da composição*] que consigo fazer com alguma honestidade para com minhas idéias sobre poesia. É um livro construídíssimo; não só no sentido comum, i. é, no sentido que trabalhei muitíssimo nele, como num outro sentido também, mais importante para mim: é um livro que nasceu de fora para dentro. Quero dizer: a construção não é nele a modelagem de uma substância que eu antes expeli, i. é, não é um trabalho posterior ao material, como correntemente; mas pelo contrário é a própria determinante do material. **Quero dizer que primeiro os planejei, abstratamente, procurando depois, nos dicionários, aqui e ali, com que encher tal esboço.** (COLÓQUIO LETRAS, 2000, p. 291, grifos meus)

Por não haver recebido o manuscrito de Lispector que esperava para inaugurar a impressora, sua segunda opção seria *Mafuá do malungo*, de Manuel Bandeira, mas devido a dificuldades com a prensa, atrasou-se mais do que gostaria, optando por colocar no prelo como teste o seu *Psicologia da composição*: se cometesse algum erro, seria com um livro seu. Este seria o primeiro dos títulos que João Cabral comporia à mão, cujo lançamento ocorreu em dezembro de 1947.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Em 17 de fevereiro de 1948, Melo Neto escreve a Bandeira, encaminhando as provas de impressão do que viria a ser o livro *Mafuá do Malungo* (1948), o segundo que Cabral imprimiria com o selo “Inconsútil”. Ele pede ao primo que faça uma apreciação do andamento da composição e que julgue se os exemplares estavam bons ou se deveriam ser jogados, literalmente, no galinheiro. Diz a carta:

Aqui vão mais 24 páginas do seu *Mafuá*. Você verá que umas estão com a impressão melhor do que outras. Razão: a máquina, verdadeira e não de brinquedo, que comprei e que, infelizmente, me chegou já seu livro bem adiantado. A princípio hesitei: deveria ou não tornar a fazer as primeiras páginas? Essa duvidazinha porém desapareceu ao continuar meu exercício com a máquina. Na verdade, se esta é capaz de dar uma impressão perfeita, exige, em compensação, pleno domínio de seus mistérios. O resultado é que estou num período de aprendizagem – agora da máquina – e o que é mais triste: essa aprendizagem se verifica tendo o seu livro de cobaia, coisa que não quis evitar para impedir mais adiamento. Em resumo, a coisa é essa: **a impressão de seu livro, embora infinitamente melhor do que a da *Psicologia da composição*, não está, nem de longe, parecida com o que eu gostarei de fazer em tipografia. Falo da impressão, porque o que diz respeito ao lado plástico da coisa não me desagrada de todo (falo da paginação, da cortada, etc.); coisas que até agradaram francamente ao Joan Miró.** (MELO NETO, 2001, p. 59, grifos meus)

A aprendizagem tinha pressa, mas ainda precisava de tempo para ser lapidada, dominada em “seus mistérios”. O perfeccionismo e a rígida exigência, no entanto, não gostavam de esperar, mas, para eleger a cobaia, foi preciso dominar a ansiedade de avançar na técnica. Ainda na mesma carta, o autor admite a Bandeira que sua dificuldade em se tornar um impressor passava, acima de tudo, pelo domínio dos materiais.

Uma das coisas que tem atrapalhado – ou melhor, a principal coisa que me tem feito apanhar da máquina – tem sido o papel. Este é inegavelmente um papel formidável, como talvez se encontre em poucas partes do mundo. Mas é um papel muito duro, por ter muita cola, e difícil de se trabalhar com. Esteve aqui um impressor alemão, um sujeito fabuloso, aliás, que me criticou haver começado por uma natureza tão difícil como a desse papel. Mas que fazer? O livro estava começado e não compensava voltar. (MELO NETO, 2001, p. 59-60)

A correspondência entre os dois poetas revela o quão exigente Cabral era com suas edições, o que o fez desculpar-se um par de vezes por sua falta de conhecimentos sobre a prensa e pela escolha errada (ou simplesmente desconhecida, até então) dos materiais. Ao

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

receber uma resposta positiva, o livro foi finalizado e impresso. *Mafuá* seria o segundo título da tipografia em 1948. O convite tinha sido feito em setembro anterior quando anunciou:

Agora, o mais importante. Estou com as negociações fechadas para a compra de todo o material necessário à impressão de pequenas *plaquettes* de luxo. Isso é um pouco de mania, um pouco coisa de pernambucano [...], um pouco de falta do que fazer e algum tanto de recomendação médica: preocupar-me e ocupar-me com coisas mais “físicas”, etc. Pois bem: se importaria você de me ceder, para publicação, aqueles “poemas onomásticos” que há tempos vem organizando? Embora seja principiante no ofício, procurarei que o negócio saia digno de você. Tirarei uns 100 exemplares ou mais (se você quiser) e, à exceção de uns cinco que lhe pediria autografar e remeter a amigos meus, lhe presentarei toda a tiragem. Que pensa disso? Também aqui, não faça cerimônias, porque o papel é barato e a tipografia está comprada. (MELO NETO, 2001, p. 33)

Impressos e remetidos aos destinatários, Bandeira fez questão de continuar a conversa atualizando a recepção. Dada a tiragem de apenas 80 exemplares enviada para o autor, os livros suscitavam desejos de posse de leitores e bibliófilos:

O *Mafuá* está fazendo sucesso. O pessoal anda assanhado. Tenho recebido pedidos, a que naturalmente não posso satisfazer. A tais pedintes, simples conhecidos e amigos recentes, mando entrar na fila dos em pé... Apesar de eu recomendar que não façam publicidade, alguns amigos têm escrito. Mando-lhe um artigo do Carlos [Drummond de Andrade] e duas notas, uma do Peregrino [Júnior], outra do Jorge Lacerda. O Zé Lins [do Rego] também escreveu uma crônica no *Globo*. (BANDEIRA, 2001, p. 79)

Segue Bandeira desde o Rio de Janeiro, um mês depois, pedindo que Cabral consertasse um erro que enviara equivocadamente para o tipógrafo já no original (sem dimensionar o trabalho que é voltar a compor uma página em tipografia!). Além disso, insiste em ter mais exemplares e descreve a situação em que se meteu ao aceitar fazer uma publicação de pequena tiragem:

O *Mafuá* continua suscitando comentários honrosíssimos para o impressor e cobiças desenfreadas da parte dos fãs. Pedem o livro descaradamente. [...] Não era possível contentar a todos os amigos. Olhe que antes de começar a distribuição, fiz uma lista sobre a qual trabalhei muitos dias, cortando nomes, substituindo-os por outros, sempre com medo de esquecer algum preferencial. Afinal os oitenta exs. [exemplares] que você me mandou se acabaram. Há porém uns três ou quatro amigos a quem desejaria satisfazer, o Alceu Amoroso Lima, por exemplo. Assim que, peço-lhe que me envie mais uns cinco, se possível. Um amigo meu de São Paulo,

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

coleccionador dessas raridades, rogou-me que lhe pedisse para ele um exemplar da sua *Psicologia da composição*. Transmito-lhe a choradeira mas é evidente que não insisto com você, que terá os seus amigos a quem deve dar preferência. (BANDEIRA, 2001, p. 95, grifos meus)

Nas dedicatórias, brinca Bandeira com quadrinhas que escreveu como dedicatória a destinatários dos livros, citando o bom trabalho de João:

À grande e cara Raquel [Rachel de Queiroz]
Mando este livro, no qual
Ruim é a parte do Manuel,
Ótima a do João Cabral.

Bandeira manda a [Murilo] Miranda,
Ao fino, ao raro editor,
Esta versalhada, e manda-a
Pela edição, que é um primor. (BANDEIRA, 2001, p. 96)

Manuel Bandeira não estava sozinho no coro de elogios ao trabalho do impressor. Considerando-se uma missivista relapsa devido às respostas tardias, comenta Lispector sobre os exemplares que recebera ao longo dos meses:

Berna, 4 outubro 1948
Caro João Cabral,
estou certa de que você compreenderá minha demora em agradecer os livros que você me mandou e em responder sua última carta. [...] Acabo de receber o livro de Alfonso Pintó⁶. Ainda não o li, não quero adiar por mais tempo esta carta. Mas, **francamente, seus trabalhos de impressão há muito deixaram de ser uma experiência – estão perfeitos.** (Fragmento de carta manuscrita, não publicada – Acervo Fundação Rui Barbosa, grifos meus)

Na carta de resposta, quatro meses depois, João Cabral conta à amiga sobre o seu envolvimento em uma revista:

Ando, por mim, numa enorme preguiça. Tenho planejado agora, com alguns amigos catalães, uma revista clandestina catalã brasileira. Não sei bem como será. Mas desde que a polícia fechou a que eles publicavam aqui, quero fazer alguma coisa de propaganda da cultura deles junto aos intelectuais brasileiros. Farei de vocês destinatários obrigatórios da coisa⁷. (COLÓQUIO LETRAS, 2000, p. 295)

⁶ Refere-se ao título *Corazón en la tierra*.

⁷ A respeito do mesmo excerto, elucida Ricardo Carvalho que: “A revista proibida chamava-se *Algol*, que conheceu um único número no final de 1946, dirigida por Joan Brossa, Arnau Puig e Antonio Tapiès” (CARVALHO, 2007, p. 114).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Destaco o desejo do autor em incluir entre os destinatários Lispector e sua família, que, na Suíça, consideravam-se isolados das publicações brasileiras. No caso da romancista, deixou registrado que atualizava grande parte de suas leituras através do material enviado por Cabral.

Em bilhete sem data, Cecília Meireles encaminha poemas seus a serem escolhidos para publicação posterior:

Os exemplares de *Viagem e Vaga Música* são seus. Os outros, que estão esgotados, não me pertencem. Muito lhe agradecería se mos devolvesse no fim do mês, quando devemos sair do Rio. [...]
(Fragmento de bilhete, não publicado – Acervo Fundação Rui Barbosa, grifos do original)

O contato seria retomado com o retorno da seleção que Melo Neto fez de alguns dos poemas de Meireles extraídos dos livros referidos no bilhete, tendo o poeta elegido alguns deles e enviado para tradução de Alfonso Pintó, intitulado a seleção de “Seis canciones”. Esses poemas integram o livro *Antología de poetas brasileños de ahora*, publicada por “O Livro Inconsútil” em 1949, ao lado de versos de Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes. Responde Cecília a respeito da edição:

Rio, 13 de setembro de 1949
João Cabral de Melo: recebi, por gentileza de Murilo Mendes, a belíssima *Antologia* em que teve a bondade de incluir-me. Já tinha tido ocasião de apreciar outras edições suas, que me encantaram pela elegância e pelo bom gosto. Felicito-o e agradeço-lhe. [...]
(Fragmento de carta datiloscrita, não publicada – Acervo Fundação Rui Barbosa, grifos do original)

A reconstituição da existência de “O Livro Inconsútil” revela catorze títulos listados na sequência de publicação na tabela a seguir. A bibliografia anterior que procura datar esses títulos consta como “sem data” em vários momentos. Apesar de as tiragens não serem datadas, a correspondência com os autores permite mapear com precisão a sequência e o ano dos lançamentos.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

	ANO	TÍTULO	Autor / Organizador / Tradutor
1	1947	<i>Psicologia da composição</i>	João Cabral de Melo Neto
2	1948	<i>Mafuá do malungo: Jogos onomásticos e outros versos de circunstância</i>	Manuel Bandeira
3	1948	<i>El poeta conmemorativo: Doce sonetos homenaje</i>	Juan Eduardo Cirlot
4	1948	<i>Alma en la luna</i>	Juan Ruiz Calonja
5	1948	<i>Cores, perfumes e sons</i>	Charles Baudelaire: Osório Dutra (Tradutor) / Garcia Vilella (Ilustrador)
6	1948	<i>Pequena antologia pernambucana</i>	Joaquim Cardoso
7	1948	<i>Acontecimento do soneto</i>	Lêdo Ivo
8	1948	<i>Corazón en la tierra</i>	Alfonso Pintó
9	1949	<i>Sonets de caruixa</i>	Joan Brossa
10	1949	<i>Pátria minha</i>	Vinicius de Moraes
11	1949	<i>Antología de poetas brasileños de ahora:</i> “Ventanas del caos” (Murilo Mendes); “Dos poemas” (Carlos Drummond de Andrade); “Seis canciones” (Cecília Meireles); “La vuelta del hijo pródigo” (Augusto Frederico Schmidt); “Elegía, al primer amigo” (Vinicius de Moraes).	Alfonso Pintó (Tradutor)
12	1950	<i>O cão sem plumas</i>	João Cabral de Melo Neto
13	1950	<i>Revista trimestral: O cavalo de todas as cores</i>	Alberto de Serpa e João Cabral de Melo Neto (Diretores)
14	1953	<i>O marinheiro e a noiva</i>	Joel Silveira

Figura 1 – Publicações de “O Livro Inconsútil”

Todos os livros publicados possuíam páginas iniciais em branco destinadas a dedicatórias e autógrafos dos autores para seus destinatários, acentuando a singularidade de cada exemplar. A partir de *Mafuá do malungo*, Cabral desenvolve um padrão gráfico para a

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

editora, o que em *Psicologia da composição* ainda era apenas um teste. O papel de linho passaria a ser sempre o usado, assim como a fontetipográfica Bodoni e as medidas fixas nos formatos dos exemplares. Algumas dessas características o poeta sistematiza em cartas, outras são possíveis de deduzir apenas manuseando os exemplares⁸.

A impressionante velocidade com que o poeta seleciona e edita novos escritores é percebida na concentrada produção do ano de 1948, quando imprime sete das catorze obras totais que publicou entre 1947 e 1953. Os brasileiros escolhidos dispensam apresentações: são expoentes da poesia nacional e da Geração de 1945. O texto de Charles Baudelaire exigiu tradução, e a sua escolha também não foi intempestiva: Osório Dutra era chefe de setor e grande amigo de Cabral, e foi justamente o tradutor. Essa edição, por fim, acabou por ser um presente para Dutra, que fazia traduções esporádicas. Os autores catalães, por sua vez, originários dos contatos das revistas clandestinas da época, foram incentivados a publicar, o que, pelas vias oficiais, estavam proibidos de fazer.

Melo Neto permaneceu em Barcelona até o final de 1950, quando foi realocado para a Londres. Em março de 1953, recebeu um mandado de segurança emitido pelo Distrito Federal, forçando-o a retornar ao Brasil sob a acusação de ser comunista, drama que forçou o desligamento com sua tipografia, mas não com sua atividade como tipógrafo. Segundo Fernanda Galve (2016, p. 256), que transcreve carta interceptada com um “plano diabólico” do diplomata e outros colegas, publicada no jornal de Carlos Lacerda, *Tribuna da Imprensa*, durante o processo, João Cabral foi acusado de desenvolver atividades subversivas: “Mário Calábria faz a denúncia após ler uma carta de Melo Neto dirigida ao embaixador Paulo Cotrim Rodrigues Pereira, convidando-o a escrever um artigo em uma revista do Partido Trabalhista Inglês”. Contextualiza a autora que a acusação foi feita “devido à troca de correspondência com pessoas consideradas comunistas” e que “o Itamaraty teria descoberto o grupo pela violação de correspondência particular” (GALVE, 2016, p. 257). Carlos Lacerda relaciona a experiência de “O Livro Inconsútil” com uma suposta transformação que o poeta teria passado:

⁸A digitalização dos exemplares e sua análise detalhada compõem minha pesquisa de campo para tese em andamento. Agradeço à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na Universidade de São Paulo, e à Fundação Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, pelas horas de atendimento em acervo.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

[João Cabral de Melo Neto] Seguiu Valéry, detestava os poetas sociais, os engajados, era rigorosamente adepto da poesia pura. E era considerado, com justiça, um bom poeta. Feito cônsul em Barcelona comprou uma pequena tipografia e passou a imprimir em casa, a conselho médico, como uma espécie de laborterapia – para curar dores de cabeça diárias a que é sujeito – livros fora de comércio, poemas em pequenas edições muito elogiadas nos suplementos dominicais pelos raros a quem ele as enviava. Eis, porém, que foi removido para Londres, como cônsul do Brasil. Ali, em pouco tempo, transformou-se. **A tipografia passou a servir para imprimir boletins dos seus novos “amigos”**. Valéry já lhe parece uma expressão da burguesia decadente. [...] Seus versos estão agora repletos de alusões, são panfletários, ardentes e, por sinal, ruins. Está ligado aos círculos comunistas de Londres, aos quais serve diretamente, sem se subordinar ao PC brasileiro. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1952, p. 16, *apud* GALVE, 2016, p. 258, grifos meus)

Seus pedidos de recursos ao mandado foram negados sucessivas vezes, impelindo o diplomata a seguir temporariamente outras carreiras. O processo durou até o final de 1954, quando foi readmitido e enviado para pesquisas na Espanha, gerando seu trabalho *O Arquivo das Índias e o Brasil – Documentos para a história do Brasil existentes no Arquivo das Índias de Sevilha*, estudoramente mencionado pela crítica cabralina. Neste retorno à Europa, conheceu a Andaluzia, deslocou-se para outros lugares e voltou a morar na capital da Catalunha, em um momento que poderíamos chamar de uma “segunda fase”, sem resquícios da editora. Talvez seja esse o período mais mencionado em estudos sobre Cabral.

Enquanto esteve forçosamente afastado do cargo no Brasil, Cabral parou de editar autores, mas não parou de se autopublicar. Durante o afastamento, envolveu-se com o coletivo “O Gráfico Amador”, e, segundo Guilherme Cunha Lima, estudioso sobre o grupo, exerceu influência no movimento, já que “João Cabral tinha experiência como tipógrafo e editor e foi de grande valia para o grupo, que com ele aprendeu a compor e a imprimir” (2014, p. 54). Neste grupo também o poeta lançaria dois livros artesanais seus de pequenas tiragens; ambos não figuram em suas obras completas. Cunha Lima afirma que “Inegável é a influência de João Cabral na produção desse primeiro trabalho de o Gráfico Amador: *As conversações noturnas* é também um livro inconsútil” (2014, p. 59). O nome do poeta figura diversas vezes no estudo de Cunha Lima, por ser dedicado a um movimento do qual Cabral fez parte e no qual publicou livros também (*Pregão turístico*, 1955, e *Aniki Bobó*, 1958), mas de modo indireto, já que não há foco em sua colaboração específica. Em artigo anterior, Cunha Lima apresenta capas de “O Livro Inconsútil” e a vinheta que Cabral usava como assinatura em *O*

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

ção *sem plumas*, esboçando, sem desenvolver, que a produção gráfica pode representar a poética deste autor.

Arnaldo Saraiva inicia um breve artigo questionando a ausência de um dos textos publicados pelo Gráfico Amador obra completa de João Cabral:

quase todas as bibliografias e livros de estudos cabralinos o ignoram; mas *Aniki Bobó* é um texto com marcas típicas do autor, que também o terá esquecido, pois nem o incluiu na miscelânea *Museu de tudo*. Um dia falei-lhe nele, quando ainda só por referência titular sabia da sua existência; e **como o autor o desvalorizou**, dando-o como **um texto circunstancial e “sem interesse”**, escrito para um “negócio” de Aloísio Magalhães [de O Gráfico Amador], que imaginei um catálogo, não insisti, ficando até sem saber a razão do estranho título. (SARAIVA, 2014, p. 79, grifos meus)

Anos depois, o teórico procura pelo exemplar e percebe intertextos com o cinema português e com a própria poética cabralina. Recentemente, esse livro foi relançado com edição crítica e fac-símile, um nicho de mercado recente no contexto brasileiro, que, a partir desta nova tiragem, parece ter descoberto um Cabral relacionado com as Artes Gráficas.⁹

Selma Vasconcelos (2009) afirma que “João Cabral, no período de disponibilidade inativa, trabalhou no jornal ‘A Vanguarda’, dirigido por Joel Silveira. Para surpresa nossa, após todo esse tumulto, ele escrevia editoriais não assinados, antigetulistas” (p. 235). Em 1953, “O Livro Inconsútil” fez sua última publicação: *O marinheiro e a noiva*, justamente de Joel Silveira. Este é o único livro cuja cidade não identificamos até o momento, tampouco foi possível encontrar cartas que registrassem seu processo editorial. Silveira, além de amigo do poeta, jornalista e escritor, foi responsável por encaminhar Cabral para serviços informais como tradutor.

“O Livro Inconsútil” não fez contatos comerciais, gerenciou direitos autorais ou se envolveu com livrarias. A afirmação do poeta, de que “Só editava livros de amigos. Eu ia atrás deles, pedia a obra e editava” é verdadeira, pois, ao observarmos novamente a tabela, percebemos que os autores selecionados pertenciam, de fato, apenas às relações de Cabral. A questão, então, reside em não se considerar um editor: “Nunca fui exatamente um editor” (CADERNOS DE LITERATURA, 1996, p. 22). Apesar disso, a afirmação não é válida, pois um editor não possui como tarefa apenas triar talentos para o mercado editorial. Há ausência

⁹ MELO NETO, João Cabral de; MAGALHÃES, Aloísio. *Aniki Bobó*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2016.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

de valor nesta prática, já que sua identidade era, principalmente, de poeta. Avaliar originais, negociar com autores alterações quando julgar necessário, conceber o formato do livro, mensurar custos de produção, monitorar as etapas de confecção e organizar a distribuição do impresso: convém esclarecer que isso pertence à função de um editor e isso ele fez. Cabral foi, portanto, um editor. Melo Neto concentrou nele mesmo as etapas de criação, produção e distribuição, desde a escolha do papel até o aprendizado mais sofisticado com a máquina, e o resultado foi uma calorosa recepção do público-leitor. Por isso, foi também tipógrafo, revisor, impressor, agitador cultural...

Nas entrevistas posteriores, Cabral pinta o retrato da editora sob a ótica da idade avançada, olhando para a juventude que se esforça para mudar o estado das coisas no mundo com certo desdém. Ao confrontar-se com a inevitável passagem do tempo, conclui que não cabem mais ingenuidades. A editora era mesmo uma ideia absurda e colocava em risco o seu cargo, a subsistência de sua família.

Esta rejeição em parte foi formadora da opinião de uma geração, já que a crítica se dedicou de modo quase exclusivo à linguagem poética de seus textos. Esta é uma parte da história que ficou descosturada da obra, ou seja, tão inconsútil quanto sua editora. O esforço de negação desconsidera o trabalho imenso que teve para corrigir à mão erros de impressão – como os que podem ser constatados em diferentes exemplares de *O cão sem plumas*, por exemplo, em bibliotecas de países distintos. Deste modo, vários são os leitores que desconhecem o Cabral impressor, designer gráfico e criador de uma assinatura própria em clichê.

A vasta fortuna crítica a respeito do autor demonstra que seus leitores não ignoram sua faceta gráfica, mas não reconhecem nela algo de autoral, referindo-se a ela como se fosse um episódio isolado, possivelmente devido às fontes escassas sobre o assunto. Talvez a mais completa das referências sobre “O Livro Inconsútil” esteja na entrevista dos *Cadernos de Literatura Brasileira* (1996), infelizmente centrada em detalhes e fatos. A partir dela, é possível apenas afirmar com propriedade que a impressora possuída era uma Minerva, que seu mestre tipográfico foi Enric Tormo e que a prensa foi depois vendida a um convento em Petrópolis.

Outros críticos distanciaram-se deste assunto, apesar de aparentemente contemplá-lo, contribuindo para que haja esta lacuna. Consideramos que o discurso de autodefinição e o



juízo de valor que o próprio autor profere sobre si mesmo, somados à personalidade pública que Cabral criou sobre sua imagem, direcionaram a atenção da crítica para a linguagem literária de Cabral, por si só rica o suficiente para anos de estudo. Isso reforçou o paradigma do impresso no qual se assentam as Letras e, conseqüentemente, ajudou a limitar o diálogo que pode existir em outras áreas, como a linguagem gráfica.

“O Livro Inconsútil” foi apenas um pequeno projeto editorial. Com seu término, a poesia de Cabral foi absorvida por editoras comerciais e publicada em sucessivas obras organizadas pelo autor, que incluíam seus textos anteriores e que se somariam a outros. Os traços bibliófilos, por sua vez, perder-se-iam nas rotativas do *offset*, retirando a aura benjaminiana que os artesanais conferiam. As revistas clandestinas organizadas por João Cabral podem ter se perdido no tempo ou mesmo podem não ser significativas para o leitor atual do autor, mas, por certo, contribuíram para divulgar a literatura brasileira na Espanha e incentivaram artistas a conquistarem seu espaço, mesmo com a ditadura franquista. Certamente, há mais para considerar sobre João Cabral. Talvez ainda haja muito a ser dito sobre o não-dito na crítica literária.

Referências

BANDEIRA, Manuel. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Org. apres. Notas de Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

CADERNOS de Literatura Brasileira. João Cabral de Melo Neto. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n.1, p.1-131, mar. de 1996.

CALDERARO, Sérgio Massucci. «La literatura brasileña en España a lo largo del tiempo: intentos de divulgación», *In: Espéculo Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero43/librasi.html>>. Acesso em 2 de jun. 2015.

CARVALHO, Alessandra Vargas de. *Presença do poeta João Cabral de Melo Neto na Espanha: Relações literárias e em outros âmbitos da cultura*. Tesis presentada al Programa de Doctorado en Filología Románica de la Universitat de Barcelona, Filología Gallega y Portuguesa, 2013. Acesso em: <<http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/55123/1/>>



AVdC_TESE.pdf> em 03 de abril de 2015.

CARVALHO, Ricardo Souza de. Cavalo de todas as cores: Uma revista editada por João Cabral de Melo Neto. REVISTA USP, São Paulo, n.73, p. 112-116, março/maio, 2007.

COLÓQUIO LETRAS. *Paisagem Tipográfica: Homenagem a João Cabral de Melo Neto (1920-1999)*, n. 157/158, 2000.

CUNHA LIMA, Guilherme. *O Gráfico Amador: As origens da moderna tipografia brasileira*, Rio de Janeiro, Verso Brasil Editora, 2ª ed.2014.

FARRÉS, Ramon . La recepción del poeta catalán Joan Brossa en Brasil. In: *Meta : journal des traducteurs*, 60.1: 158-172, Les Presses de l'Université de Montréal, 2015. [Versão eletrônica]. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2015/v60/n1/?resume=1>>. Acesso em 8 out. 2015

GALVE, Fernanda. O navegar do poeta João Cabral no oceano das palavras proibidas (1952-64). *Verinotio: Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Ano XI, abr./2016, n. 21. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.765731487205002.pdf>>. Acesso em 3 jan. 2017.

MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Org. apres. Notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

MELO NETO, João Cabral de; MAGALHÃES, Aloisio. *Aniki Bobó*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2016.

SARAIVA, Arnaldo. *Aniki Bobó*, um texto esquecido, ignorado ou desprezado. In: *Dar a ver e a se ver no extremo – O poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Porto: CITCEM/FLUP/ Edições Afrontamento, 2014.

SIBILA. Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto. *Sibila: Revista de poesia e cultura*, v. 13, n. 9, ago. 2009. Disponível em: <http://sibila.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2009/04Joao_cabral_revista.pdf>. Acesso em 02 de fev. de 2015.

VASCONCELOS, Selma. *João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta*. Recife: Editora do Autor, 2009.

Recebido em: 30/01/2017

Aprovado em: 22/04/2017